

As fontes da vontade de crença The Fountains of the will of belief

ALMIR JOSÉ WEINFORTNER¹

Resumo: O principal objetivo deste estudo é seguir as pegadas de Nietzsche diante da compreensão daquilo no qual se sustenta a vontade de crença. O alvo de suas críticas está na crença que busca no exterior a fonte da força. Para este tipo de crente, o que realmente importa são os resultados positivos da crença em algo, muito mais do que a certeza da existência daquilo no qual se crê. Considerando que este tipo de vontade é desestabilizado e que a realidade representa a transitoriedade, esta é negada na busca de um ponto fixo, ideal ou extramundano. É assim que a crença torna o mundo suportável, mesmo que seja a partir da negação do mesmo. Esta estratégia é a *conditio sine quae non* para a sobrevivência e fortalecimento da vontade fraca. O que Nietzsche quer mostrar é que da necessidade de crer em algo não se segue a existência daquilo no qual se crê. Mas antes revela o tipo de vontade que se esconde atrás deste modo valorativo.

Palavras-chave: Nietzsche. Vontade de crença. Vontade fraca.

Abstract: The main objective of this study is to follow Nietzsche's footsteps in understanding what supports the will to believe. The target of his criticisms lies in the belief that seeks the source of strength from outside. For this type of believer, what really matters are the positive outcomes of belief in something, much more than the certainty of the existence of what they believe in. Considering that this type of will is destabilized and that reality represents transitoriness, this is denied in the pursuit of a fixed point, ideal, or extramundane. This is how belief makes the world bearable, even if it is from the denial of it. This strategy is the *conditio sine qua non* for the survival and strengthening of the weak will. What Nietzsche wants to show is that from the need to believe in something, the existence of what one believes in does not necessarily follow. But rather it reveals the type of will hidden behind this evaluative mode.

Keywords: Nietzsche. Will to believe. Weak will.

Introdução

As críticas de Nietzsche ao fenômeno da crença não se restringem ao âmbito da religião. Também filósofos e cientistas (crentes ou não) são alguns dos *seus mil e um fitos*. Isso quer dizer que Nietzsche não fica restrito ao conteúdo da crença, mas, fundamentalmente, o que lhe interessa é a vontade que a quer, ou seja, ao que na vontade busca querer a crença. O maior problema não é a crença em si, mas sim um determinado tipo de crença, que faz com que o homem busque aquilo ao qual não pode ter acesso — não apenas porque não pode alcançá-lo, mas, fundamentalmente,

¹ Ex-aluno bolsista do Programa PET de Filosofia da UNIOESTE -CampusToledo. Mestre em Filosofia pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas e professor da UNIPAR – Universidade Paranaense-Campus Toledo.

porque *não é algo real*, é apenas fruto de sua imaginação, ludibriada por necessidades estranhas ao processo de fortalecimento... É aquele tipo de crença que faz do homem um *ser estranho*, que recusa o mundo tal como ele é. No estudo hermenêutico de suas obras, vemos que Aristóteles organiza o conhecimento humano em três categorias: teórica, prática e produtiva. Considerando que as “ciências teóricas” são relacionadas ao estudo do saber enquanto fim a si mesmo (física, metafísica e matemática) e as “ciências produtivas” são relacionadas ao estudo do saber para o fazer (poética, estética e arte), as “ciências práticas” (ética, economia e política) se dedicam a definir o comportamento humano para a formação de uma boa vida (ANTISERI; REALE, 2017).

Então, *o quê* no homem faz com que ele recuse a realidade da qual faz parte para buscar algo que não pode ter? Que tipo de vontade é essa que *não quer* (ou não pode?) ver as coisas como elas são? Mas é uma vontade que realmente *pode querer*? Se não pode querer, o que nela quer por ela? — É isso que dá originalidade à reflexão de Nietzsche... A questão não é mostrar que a crença nos ideais, por exemplo, não faz sentido. Mas sim, buscar os *motivos* pelos quais o homem *sente a necessidade* de crer nos mesmos. A perspectiva genealógica de Nietzsche é a grande *pedra de toque* nesta empreita.

Ao não se preocupar exatamente com o objeto da crença, se afasta dos iluministas, confiantes de que a razão pudesse nos livrar dos grandes erros, e nos conduzir para as planas veredas da certeza. O olhar de Nietzsche é mais perspicaz... “O que é o que quero em qualquer coisa que quero?”. Paul Valadier considera esta a questão nietzscheana por excelência.²

O que me *leva* a querer em tudo aquilo que quero? O que me *motiva* a querer aquilo que quero? O que me dá a “certeza” da *conquista* daquilo que quero? É fundamental que o motivo da crença realmente exista? O que importa, afinal de contas: é a crença ou o objeto da crença? Afinal, o *quê* buscamos no ato de crer? O *quê* é o mais importante? Importa ou não que Deus ou a “verdade” existam? O importante é a sua existência ou as consequências positivas da crença na existência

² Cf. VALADIER, 1985, p. 39.

dos mesmos? Em *Gaia Ciência* (GC), #44, intitulado *Os motivos em que se crê*, Nietzsche afirma:

— Por mais importante que seja conhecer os motivos que realmente guiaram a conduta humana até hoje, talvez a *crença* neste ou naquele motivo, isto é, o que a humanidade presumiu e imaginou ser o autêntico motor do seu agir até agora, seja algo ainda mais essencial para o homem do conhecimento. Pois a íntima miséria e felicidade é dada aos homens de acordo com a sua crença nestes ou naqueles motivos — *não* em virtude do que era realmente motivo! Esse último é de interesse secundário.³

Neste parágrafo aparece uma idéia importante para a nossa discussão. Para os homens não importa a veracidade dos motivos que fazem com que ele creia naquilo que lhe dá segurança, força... O que importa, e é o que lhe fortalece — disso não podemos negar: há a *sensação psicológica* de fortalecimento —, é que há uma *forte crença*, e é o resultado positivo desta forte crença que acaba dando a *certeza* dos motivos. Escolhemos os motivos que sustentam as nossas crenças, e é o *resultado psicologicamente positivo* desta crença que me dá a segurança dos motivos.⁴

Em *Humano, demasiado humano* (HH), #15, intitulado *Não há interior e exterior no mundo*, Nietzsche diz que os pensamentos profundos são excitados por sentimentos profundos, e “o sentimento é profundo porque consideramos profundo o pensamento que o acompanha”. Tirados os elementos intelectuais, resta apenas o sentimento forte, o que não garante nada além de si mesmo: “a crença forte prova apenas a sua força, não a verdade daquilo em que se crê.”⁵ Em *Crepúsculo dos ídolos* (CI), ao se referir ao falso ateísmo Thomas Carlyle,⁶ diz: “O desejo de uma fé forte não é a prova de uma forte fé, mas antes o contrário. *Quando se tem*, há que permitir-se o belo luxo do cepticismo: está-se para tal bastante seguro, assas firme, suficientemente ligado.”⁷

³ GC I, #44, p. 86-87.

⁴ Cf. AC #50. Neste parágrafo, Nietzsche fala do que chama de “prova de força dos cristãos”.

⁵ HH #15, p. 25.

⁶ Nietzsche se refere a Thomas Carlyle (1795-1881), historiador da literatura e filósofo escocês. Carlyle foi autor de vários livros sobre o conceito de “gênio”.

⁷ CI, *Incurções de um extemporâneo*, #12, p. 77.

Não nos esqueçamos: *nós escolhemos* os motivos que sustentam as nossas escolhas. E qual é o parâmetro de nossas escolhas? Privilegiamos os motivos que sustentam melhor as nossas crenças. Temos que, ao escolhermos os motivos que melhor se adequam às nossas crenças, caímos no seguinte problema: não são os motivos privilegiados que dão a segurança daquilo que cremos, mas sim é a nossa crença que nos dá a segurança dos motivos que asseguram aquilo no que cremos... — a irracionalidade dessa postura é grotesca. Os motivos que escolhemos dependem dos nossos interesses. Mas, fica por aí? Tudo é uma questão de motivos? Não há nada a objetar?

Seguindo as pegadas de Nietzsche, que considera que “o mundo é interpretação, e nada além disso”,⁸ mas que existem boas e más interpretações, podemos dizer que a crença depende de motivos, mas que *existem bons e maus motivos*.

Temos ou não motivos para acreditar em uma ou outra coisa. E é a crença que nos assegura os motivos para a certeza daquilo que é crido. Todo o mais, para compreendermos tal questão, é, como diz Nietzsche, *de interesse secundário*.⁹ Mas o quê é um *bom* ou um *mau* motivo? Depende da vontade daquele que quer... — se ela for *afirmativa* ou *negativa*, ou seja, uma vontade que procura afirmar-se em suas ações, a partir da *força que transborda de si mesma*, ou uma vontade que busca afirmar-se a partir da reação, na negação da vontade do outro. Caímos no âmbito da *vontade forte* e *vontade fraca*, ou, *vontade afirmativa* e *vontade negativa*.

Em um fragmento póstumo, do outono de 1885 – outono de 1886, ao questionar sobre o *valor de nossas valorações e nossas tábuas morais*, Nietzsche conclui o fragmento afirmando: “La interpretación misma es un síntoma de ciertos estados fisiológicos, así como de un cierto nivel espiritual de juicios predominantes. ¿Quién interpreta? – Nuestros afectos”¹⁰.

⁸ Cf. BM #22.

⁹ Cf. GC I, #44.

¹⁰ Frag. Póst. otoño 1885 – agosto 1888 2[190], p. 149.

O que existe são *boas* ou *más* interpretações¹¹. Nada é “dado” como real, a não ser nosso mundo de desejos e paixões. Não há como eliminar a vontade, suspender todos os sentidos... A única realidade é a de nossos impulsos¹² — e a única *lei* a qual estão *sujeitos* é a da *transitoriedade*...

Se toda interpretação é apenas um *sintoma de certos estados fisiológicos*, a mesma referência podemos estabelecer para a preferência por certos motivos. O que faz uma determinada vontade privilegiar mais alguns motivos do que outros? É a *qualidade dos impulsos* que nela predominam... — se são impulsos de ação ou de reação; se são impulsos característicos de uma *vontade afirmativa* ou os de uma *vontade negativa*...

Poder-se-ia perguntar: “então por quê Nietzsche tanto critica a um determinado tipo de interpretação, ou, determinado tipo de vontade que busca em motivações estranhas os alicerces para a afirmação, se esta é também mais uma das interpretações possíveis, ou, apenas mais um tipo de vontade com seus motivos, tal qual a do próprio Nietzsche?” O que o nosso filósofo quer denunciar é que o ocidente acabou tomando como fundamento justamente as piores interpretações e os piores motivos para justificar as suas crenças. Diz ele em BM, #22: “Perdoem este velho filólogo, que não resiste à maldade de pôr o dedo sobre artes de interpretação ruins”¹³. E uma *interpretação ruim* é aquela que busca o fortalecimento na negação da fonte de força, o que é próprio da *vontade débil*...

O problema é a debilidade travestida de fortaleza... cremos naquilo em que queremos, naquilo que nos dá mais segurança — ou seja: naquilo do que mais precisamos... Parodiando a sabedoria popular: “Diga-me no que crês e direi que tipo de vontade é a sua.” Todo querer manifesta uma atitude para o fortalecimento daquele que quer. Mas que tipo de vontade precisa querer algo outro que não a si mesma para fortalecer-se? Buscar fora de si mesmo o apoio para a fraqueza, significa atestar a própria impotência diante dos desafios da existência. O débil precisa de muletas para se sustentar. A sustentação e a força são buscadas em algo exterior, o

¹¹ Em Além do bem e do mal, diz Nietzsche: “Acontecendo de também isto ser apenas interpretação — e vocês se apressarão em objetar isso, não? — bem, tanto melhor!” (BM #22, p. 28-29).

¹² Cf. BM #36.

¹³ BM #22, p. 28.

que acaba criando uma dependência doentia, na medida em que fragiliza o próprio interior. O homem não é chamado para si mesmo, mas o si mesmo depende de algo outro que não ele mesmo. Na terceira das *Consideraciones Intempestivas* (CoI), intitulada *Schopenhauer educador*, diz o jovem Nietzsche:

“Nadie puede construirte el puente sobre el cual hayas de pasar el río de la vida; nadie, a no ser tu”. Es verdad que existen innumerables senderos e innumerables puentes e innumerables semidioses que quieren conducirte a través del río; pero el precio que te han de pedir será el sacrificio de ti mismo; es preciso que te des en prenda e que te pierdas. En el mundo no hay más que un camino que nadie puede seguir más que tú¹⁴.

É por isso que, um pouco antes dessas considerações, Nietzsche diz que “tenemos que responder de nuestra existencia ante nosotros mismos; por esto queremos también ser los verdaderos pilotos de esta existencia y no permitir que nuestra vida se asemeje a un azar sin ideas directivas”¹⁵.

Viver sem *idéias diretivas* significa se deixar conduzir pelo *hábito*¹⁶ — o que é próprio de naturezas débeis, daquelas que precisam de muletas...

A fé é uma dessas *muletas*. Ela nos fortalece no sustento das nossas fraquezas, e, o que é fabuloso, mantendo-nos fracos... A muleta não cura a deficiência — ela a mantém... E, pior, nos dá a falsa sensação de segurança, de fortalecimento... — atualmente elas podem ser feitas de *titânio*...

Temos aí um caminho para compreender a origem da vontade de crença, dessa *necessidade de muletas*. Em GC, #347, intitulado *Os crentes e a necessidade de crer*, Nietzsche nos apresenta a seguinte idéia: “— O quanto de *fé* alguém necessita para crescer, o quanto de ‘firme’, que não quer ver sacudido, pois nele se *segura* — eis uma medida de sua força (ou, falando mais claramente, de sua fraqueza)”¹⁷. A *fé* como uma muleta. Ela serve como um alicerce que o homem busca fora de si mesmo para iludir-se diante de sua impotência. É por isso que as pessoas ainda crêem no Cristianismo: elas precisam dele... Não importa a falta de sentido — se não

¹⁴ Consideraciones Intempestivas (CoI), Schopenhauer educador #1, p. 104.

¹⁵ Idem, ibidem.

¹⁶ Cf. HH #226.

¹⁷ GC #347, p. 240.

há, cria-se um... Aliás, o sentido não é importante. Existe algo que é objeto de maior interesse. Trata-se da *necessidade*. Não interessa qual é o sentido mais coerente, mas sim aquele que melhor está de acordo com as necessidades daquele que crê... Pois mesmo a impotência precisa encontrar meios para manter-se... “Pois assim é o homem: um artigo de fé poderia lhe ser refutado mil vezes — desde que tivesse necessidade dele, sempre voltaria a tê-lo por ‘verdadeiro’”¹⁸.

Encontramos um elemento importante em nossa discussão, sobre como surge no homem a *vontade de crença*: a *necessidade*. Mas quê tipo de necessidade é essa que mantêm a nossa crença? E por quê ela é indício de fraqueza? Por quê essa “exigência de certeza”, essa “exigência de querer ter algo firme”? Diz Nietzsche:

Alguns ainda precisam da metafísica; mas também a impetuosa *exigência de certeza* que hoje se espalha de modo científico-positivista por grande número de pessoas, a exigência de querer ter algo firme (...): também isso é ainda a exigência de apoio, de suporte, em suma, o *instinto de fraqueza* que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo — mas as conserva¹⁹.

O *instinto de fraqueza*... Algo instintivo apenas responde às forças que predominam em dada natureza. A fé, por ser fruto de um instinto de fraqueza, só pode ter origem em uma *vontade fraca*. A *vontade fraca* não pode determinar-se a si mesma — sua natureza não o permite... A sua determinação está sempre em algo outro que não ela mesma... A sua própria vontade, a vontade determinante é outra. É uma vontade que mostra, sempre, e acima de tudo, “a necessidade de fé, de apoio, amparo, espinha dorsal...”²⁰

Só um ser debilitado busca um alicerce fora de si mesmo... Todo doente precisa de quem o trate... Só que para esse tipo de doença, não temos antídotos, mas sim o desprezo. Uma vontade que não se quer a si mesma, só pode merecer o nosso desprezo. E é aqui que a fé encontra o seu *habitat*, o seu solo mais fértil, para vigorar e dar os seus melhores frutos... — no *adoecimento da vontade*.

A fé sempre é mais desejada, mais urgentemente necessitada, quando falta a vontade: pois a vontade é, enquanto afeto de

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ Cf. GC #347, p. 241.

comando, o decisivo emblema da soberania e da força. Ou seja, quanto menos sabe alguém comandar, tanto mais anseia por alguém que comande, que comande severamente — por um Deus, um príncipe, uma classe, um médico, um confessor, um dogma, uma consciência partidária. (...) Quando uma pessoa chega à convicção fundamental de que tem de ser comandada, torna-se “crente”.²¹

A vontade que falta ao *crente* é a *autodeterminação*, aquela que se estabelece em si mesma. E a vontade que não pode dar-se a si mesma a força que precisa para se manter, busca-a fora de si... — na fé em algo outro. Acaso não é a fé que cria as certezas mais sólidas? As melhores *convicções*?²² Não é da *fé mais convicta* que brota o fanatismo? E não é ele o apoio mais sólido para a determinação da vontade fraca? — veja-se o caso da segurança com que os fanáticos professam a sua crença, seja ela qual for... (o fanático por futebol é um bom exemplo... O religioso, é o pior de todos... — a proporção dos estragos e prejuízos é bem maior... e, na maioria das vezes, mais sutis...). Mas numa coisa há que admirá-los: a segurança com que afirmam o objeto de sua crença... Disso não se pode duvidar: há uma *forte crença*... “Pois o fanatismo é a única ‘força de vontade’ que também os fracos e inseguros podem ser levados a ter, como uma espécie de hipnotização de todo o sistema sensório-intelectual, em prol da abundante nutrição (hipertrofia) de um único ponto de vista e sentimento, que passa a predominar — o cristão o denomina sua *fé*.”²³

Como uma espécie de hipnotização de todo o *sistema sensório-intelectual*... A hipnose... Temos aqui um novo elemento para compreender melhor o que é a fé... Uma hipnotização dos nossos sentidos, mas também de *nosso intelecto*... — do *sistema sensório-intelectual*...

A hipnose é um caso extremo de sugestão, deixando maior ou menor liberdade psíquica à pessoa influenciada. É um estado mental semelhante ao sono, provocado artificialmente, a partir da sugestão, e no qual o indivíduo continua capaz de obedecer às sugestões feitas pelo hipnotizador. É um estado de inconsciência... Pode ser chamada, de forma figurada, de torpor, sonolência, modorra. Nos atenhamos a

²¹ GC #347, p. 241.

²² Sobre as convicções cf. HH #629-638.

²³ GC #347, p. 241.

este último adjetivo. Além de significar moleza, preguiça, sonolência, mas também, em sentido figurado, insensibilidade e apatia, tem outro significado bem-vindo para o nosso tema: doença do gado ovino, ou seja, de ovelhas, carneiros e cordeiros.

Acaso as situações nas quais a fé brota com maior vigor não é em meio a um culto fervoroso? E não é aí, também, que as pessoas se comportam de forma mais ovina possível? O *Amém* pronunciado pelo coletivo diante do estímulo do regente desse espetáculo (pastor, padre e coisas afins...), não soa como o *Bééééé* das ovelhas diante do comando do pastor? As ameaças do regente não soam como as mordidas do cão-pastor nos calcanhares das ovelhas que se desgarram? Não são nesses momentos de êxtase coletivo que o crente se sente *um com o todo*? É no todo que se sente mais forte... É no todo que o crente vai buscar *o sentido de si mesmo*...

O sentimento hipnótico que tem lugar durante os *acessos de fé* tem o sentido de *um esquecimento de si*. “Não mais sou eu mesmo quem sou por mim. Mas passo a estar em algo outro que é por mim e que é melhor por mim do que eu poderia ser por mim mesmo. Sou apossado por outro e nesse sentimento de posse, de *não-mais-eu*, sou melhor, mais forte... É quando não mais sou eu mesmo, que sou mais forte, melhor, mais livre, mais feliz...”

O quê faz um ser dito “dotado de razão” deixar-se envolver por tal *frenesi*? Por quê a *necessidade* desse esquecimento de si mesmo? Por quê a necessidade de se buscar em algo outro para se afirmar? Não é contraditório? Sim! A fé *sobrevive* da contradição... Busquemos a origem...

Buscar em algo outro a segurança, a força para manter-se é indício de falta de confiança em si mesmo. Ou seja, dada a falta de vontade, motivada pelo *sentimento de fraqueza*, a alternativa que resta para que um ser assim continue mantendo-se na existência, é buscar o seu fortalecimento em algo outro que não ele mesmo. Qual é, então, a origem desse esquecimento de si, que desemboca na fé, ou, mais precisamente, na *vontade de crença*? Na formulação de Valadier: “en la impotencia y la debilidad de sostenerse por sí mismo, una especie de fadiga física y de agotamiento biológico y psicológico.”²⁴ É esse *esgotamento biológico e psicológico* que provoca o torpor, a fadiga física. O depreciable *sentimento de fraqueza* é que

²⁴ VALADIER, 1985, p. 39.

passa a comandar uma vontade que não consegue querer *em si mesma*, querer-se a *si mesma*... Mas como toda vontade necessita de poder, vai buscá-lo fora de si, em algo outro. Esse tipo de vontade não deixa de fazer suas exigências, não deixa de querer se expandir. Mas vai buscar sua força justamente onde se realiza um movimento de depreciação de si mesma. É uma vontade medíocre, que busca a sua força exatamente na aposta pela fraqueza.

Esse *sentimento de fraqueza*, de debilidade existencial passa a ser uma *conditio vivendi* do próprio indivíduo. É por isso que a debilidade se torna a condição essencial de um ser que se quer apenas em algo outro que não em si mesmo... Sua vontade é fraca, seus objetivos medíocres. A vida é enfadonha. Sua condição não lhe permite a assimilação da transitoriedade do mundo em que vive. Não consegue adaptar-se ao *mundus mutantis*. Sua impotência necessita de um alicerce forte, no qual possa se afirmar. Esse alicerce não pode ser transitório — sua *vontade frouxa* não consegue dançar sob fortes rajadas de vento... Sobrevive da brisa, onde se requer pouco esforço para manter-se — pouco esforço: condição para a manutenção da *vontade medíocre*... O mundo é tomado como um peso de proporção insuportável. Não é o que agrada, o que se adapta a esse tipo de vontade. Não é o que se esperava dele... Ele decepciona... Frustra as expectativas criadas...

Por não corresponder às expectativas da vontade débil, é emitido um juízo: o mundo aparente é falso, condenável. Por decepcionar, não pode ser o mundo verdadeiro com o qual se pode contar: “não responde aos nossos desejos e expectativas”. Nas palavras de Valadier: “Juicio de condenación del mundo, primera palabra de la voluntad de creencia.”²⁵

É na condenação do mundo que essa vontade busca o seu fortalecimento. Uma força que se quer forte negando a própria condição da força: a *dinamicidade do mundo!* É um tipo de vida que quer se manter negando a própria fonte da vida!

E a repercussão desse juízo é indício de que *há força na debilidade*. Pois tudo o que vive não apenas quer permanecer, mas também quer expandir, dominar... Condenar o mundo, de certa forma, equivale a dominá-lo. Aquilo que não se pode assimilar, nega-se. E, assim, negando a transitoriedade do mundo, estabelece-se um

²⁵ Idem, *ibidem*.

certo domínio. Nega aquilo que não consegue adaptar a si, assimilar, transformar em potência. E é nessa negação que essa vontade se sente forte, potencializada. Mas, embora seja uma potência, é *negativa*, pois condena o mundo pela vontade de viver que há nela. Condena o mundo porque quer viver, afirmar sua vontade. O que não pode aceitar para a sua manutenção é a transitoriedade de um mundo onde nada é permanente, onde tudo passa, onde nada é definitivo. Mas, mesmo assim, esse tipo de vida ama viver e faz de tudo para manter-se — muito embora sejam estranhos os meios que utiliza... Conforme Valadier, “El débil ama la vida más que todo y aún más que al mundo como le aparece.”²⁶ O débil não ama a vida em si. O que ama é a sua própria vida. Sua miserável vida é o que há de mais importante.

Como se conservar num mundo transitório? Estabelecendo um ponto fixo, uma crença na qual possa afirmar-se. Diante da contradição, diante do abismo do mundo, precisamos de uma referência segura, e esta só pode ser extramundana, considerando a transitoriedade deste mundo. Essa referência será o ponto fixo, a própria razão de ser. É afirmado um mundo mais verdadeiro, bom, uno... A vontade débil se forja um *mundo ideal*, e com isso pensa escapar da diversidade, do mal e da morte.

A fé apenas revela elementos de cunho interior: uma *necessidade de crer*. Essa necessidade é cega e, por isso, atinge proporções assustadoras. Mas o mais importante nela é a representação das possíveis vantagens que podem ser conquistadas se certos sonhos se tornassem realidade. Diz Barbusse:

El sentimiento de la debilidad del ser humano y de su pequeñez en el universo, el terror a las fuerzas naturales y, sobre todo, el terror a la muerte, dan a la criatura una especie de impulsión permanente hacia lo sobrehumano y el más allá. En el frágil mecanismo de la convicción religiosa, el resorte suple el motivo. La fórmula es: esto es verdad, porque yo lo deseo: construcción mental hecha con materiales que difieren esencialmente entre ellos y que no pueden sostenerse uno sobre otro, sino en virtud de una ilusión. Y resulta que este don arbitrario de la convicción profunda es una prostitución del espíritu.²⁷

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ BARBUSSE, 1999, p. 11.

A vontade débil age no nível da ilusão, muito embora suas estratégias sejam muito boas. Para manter-se, desprovida da força, do vigor dos instintos, tem na astúcia sua melhor arma. E pouco *importa* que a crença seja absurda ou incoerente quanto ao seu conteúdo. O que a motiva não é o desejo sincero de verdade, mas sim a vontade de consolar-se na vida. Uma forma de adaptar o mundo a si mesma. E quando isso não for possível, nega-se o mesmo. O diferente não pode ser admitido. Busca-se a paz e a tranqüilidade: condição para a existência desse tipo de vontade. Numa apologética exacerbação de sua debilidade, mantêm-se nela e por ela.

O que se busca na crença é a *utilidade*:²⁸ a crença faz com que o mundo seja suportável. A vontade débil estabelece um novo parâmetro para o *real*: é só aquilo que pode ser *suportável*. Identifica a realidade com o que deseja a sua vontade. Só é real aquilo que ela, a partir de seu enfado existencial, pode querer. É realizada uma *divisão*: a própria realidade é dividida entre aquilo que pode e o que não pode a vontade débil. Este mundo é tornado como um outro de si mesmo, separado de sua riqueza contraditória. É por isso que o débil empobrece o mundo ao falsificá-lo, negando a rica complexidade das coisas. Ele não suporta a diversidade contraditória. E nisso cria um mundo à sua imagem: estreito, raquítico, empobrecido. Segundo Valadier,

Sa logique surprenante se développe en ces termes: puisque je souffre, c'est que le monde est souffrance, non-valeur, néant ; si je souffre et suis coupable, c'est que le monde, ou le devenir, ou le fond des choses, ou le destin est permicieux. Se jugeant lui-même, il juge le monde, et le trouve évidemment trop mesquin pour lui. Fausse supériorité, griserie de l'homme qui se croit supérieur au monde, ce qui l'entraîne à s'opposer au monde ; tel est le cœur du christianisme.²⁹

Precisou-se de uma coluna de sustentação: criou-se uma inabalável — Deus... Uma busca *ad infinitum* não daria conta dos ânimos afoitos do tipo homem... É na idéia de Deus que foi adjetivado o absoluto. E o absoluto deve ser só um... — monoteísmo... “Sem Deus, voltaríamos a buscar, insaciavelmente, um ponto para sustentar a nossa fraqueza. Cada alicerce seria superado pela nossa incontrolável

²⁸ Veja-se a aposta de Blaise Pascal.

²⁹ VALADIER, 1974, p. 256.

necessidade de sustentação — visto que não a encontramos em nós mesmos... Deus precisa existir! É o termo final... Sem ele, nada faria sentido. Ele é o sentido... Ele, simplesmente, é...” — assim diz o débil e se retira para meditar em silêncio sobre a sabedoria de suas palavras...

Em *Aurora* (A), #90, intitulado *Egoísmo contra egoísmo*, afirma Nietzsche:

— Muitos prosseguem raciocinando que “a vida não seria tolerável, se não houvesse Deus!” (ou, como se coloca nos círculos idealistas: “A vida não seria tolerável, se lhe faltasse a significação ética de seu fundamento”) — logo, tem de haver um Deus (ou uma significação ética da existência)! Ocorre, na verdade, que quem se habituou a tais noções não deseja uma vida sem elas: que podem, portanto, ser necessárias para esta pessoa, para sua conservação — mas que presunção decretar que tudo o que é necessário para a minha conservação deve existir realmente” como se minha conservação fosse algo necessário! E se outros sentissem de maneira oposta? Se não quisessem viver sob as condições desses dois artigos de fé, e não mais considerassem a vida digna de ser vivida? — E assim é atualmente³⁰!

Da necessidade que sentimos de algo, não se segue a existência do mesmo. Da fome, não se segue que haja o alimento — quem o diga aqueles que passam fome todos os dias... Em *HH*, #131, intitulado *Seqüelas religiosas*, completa Nietzsche:

Entre as verdades diligentemente deduzidas e semelhantes coisas “intuídas” permanece o abismo intransponível de que devemos aquelas ao intelecto e estas à necessidade. A fome não demonstra que existe um alimento para saciá-la; ela deseja esse alimento. “Intuir” não significa reconhecer num grau qualquer a existência de uma coisa, mas sim tê-la como possível, na medida em que por ela ansiamos ou a ela tememos; a “intuição” não faz avançar um passo na terra da certeza. — Acreditamos naturalmente que as partes de uma filosofia tingidas pela religião estão mais bem demonstradas que as outras; mas no fundo é o contrário, temos apenas o desejo íntimo de que possa ser assim — isto é, de que o que torna feliz seja também verdadeiro. Esse desejo nos faz ver como bons motivos ruins.³¹

Escolhemos no que queremos crer. E cremos naquilo que nos é útil, necessário. O problema é que se estabeleceu como “verdade” aquilo que não passava de uma necessidade dos débeis, os da *vontade fraca*.

³⁰ A #90, p. 68.

³¹ HH #131, p. 100.

Em O Anticristo (AC), #50, Nietzsche se propõe fazer uma psicologia da “fé” e dos “crentes”. Isso o faz associando o fenômeno da crença com o da *decadência*. O termo que usa é o francês: *décadence*. E espera que sua voz chegue aos “mais duros ouvidos”.

— Si es que yo no he oído mal, parece que entre los cristianos hay una especie de criterio de verdad, al que se da el nombre de “la prueba de la fuerza”. “La fe hace bienaventurados a los hombres: *por lo tanto, es verdadera*”. — Aquí sería lícito objetar, en primer término, que precisamente ese hacer-bienaventurados a los hombres no está probado, sino sólo *prometido*: la bienaventuranza está vinculada a la condición de la fe, — se *debe* llegar a ser bienaventurado porque se cree... Pero que ocurra efectivamente lo que el sacerdote le promete al creyente para el “más allá”, el cual es inaccesible a todo control, ¿con qué se prueba eso? — En el fondo, pues, la presunta ‘prueba de la fuerza’ no es a su vez más que una fe en que no dejará de darse el efecto que uno se promete de la fe. Expresado en una fórmula: “yo creo que la fe hace bienaventurados a los hombres; — *por consiguiente, es verdadera*”. — Mas con esto hemos llegado ya al final. Ese “por consiguiente” sería el *absurdum* mismo como criterio de verdad. — Supongamos, sin embargo, con un poco de condescendencia, que el hecho de que la fe hace bienaventurados a los hombres está demostrado — *no sólo deseado, no sólo prometido por la boca un poco sospechosa de un sacerdote*: — ¿sería la bienaventuranza, — o, dicho más técnicamente, el *placer* alguna vez una prueba de la verdad? Lo es tan poco que casi aporta la prueba de lo contrario, y en todo caso induce a la máxima suspicacia acerca de la “verdad” cuando en la pregunta “¿qué es verdadero?” hablan también sentimientos de placer. La prueba del “placer” es una prueba de “placer”, — nada más; ¿sobre qué base, por vida mía, estaría establecido que precisamente los juicios verdaderos producen más gusto que los falsos y que, de acuerdo con una armonía preestablecida, comportan necesariamente sentimientos agradables?³²

Da fé que se tem em algo não se prova nada mais do que *existe fé em algo...* Esse tipo de conclusão só pode ser alcançado pela *hipnose do sistema sensório-intelectual...*³³ E se deixar envolver por esse tipo de hipnose é próprio dos *espíritos débeis...*

O débil não é designado por um caráter sociológico, político ou social, nem moral: é um tipo “psicológico”, como Nietzsche o entende. Quer sobreviver, e é por isso que a crença tem sua utilidade, na medida em que consolida a vontade débil.

³² AC #50, p. 97.

³³ Cf. GC #347.

Pois ela não pode se justificar a si mesma — outro deve fazê-lo. Como é fraca, sua fonte de força é baseada fora de si. Ela precisa de uma força que comande — e esta não é a sua. É por isso que não importa qual é o ponto de referência para a sua sustentação, contanto que o mesmo seja encontrado.

A impotência deixa uma sensação de um vazio que deve ser preenchido — primeiro passo rumo à decadência... O momento seguinte é a percepção de que a satisfação desse sentimento *nadificador* não pode ser encontrado em si mesmo. Próximo passo: só fora de si mesmo o homem pode *se assegurar de si mesmo*. A seguir: esse apoio não pode ser transitório — de transitório chega a própria vida. Ele precisa ser absoluto. *Chegamos ao ideal...* Estabeleceu-se um novo ponto de controle, de comando da vida. E a sua solidez é o que torna o homem de fé feliz... Em GC, #347, intitulado *Os crentes e a necessidade de crer*, Nietzsche diz: “Quando uma pessoa chega à convicção fundamental de que tem de ser comandada, torna-se ‘crente’.”³⁴ Ou seja, a condição para ser crente é não ter condições para se *autodeterminar*. A determinação é sempre exterior. Esse “alicerce” exterior, que deve ser inabalável, lhe dá a impressão de unidade entre aquilo que quer e aquilo que pode. “Eu não posso e não quero, mas há algo outro que quer e que pode por mim.” Para os cristãos, nas palavras de *Paulo, o engenhoso*, este princípio foi bem cristalizado: “Tudo posso naquele que me fortalece.”³⁵

Procurando fugir do caos contraditório de suas pulsões, a vontade débil se atém à unidade de suas ilusões. A utilidade desse artifício é o de se manter em sua existência. O preço é caro: ela não vê o mundo, mas o que quer ver. A própria fé, segundo Nietzsche, é um “*não-querer-saber o que é verdadeiro*”. Débil, precisa ocultar o horror da existência para poder viver. Em AC, #54, Nietzsche coloca:

la necesidad de fe, la necesidad de alguna incondicionalidad en el sí y en el no, el carlylismo, si se me quiere disculpar esta palabra, es una necesidad propia de la *debilidad*. El hombre de fe, el “creyente” de toda especie es, por necesidad, un hombre dependiente, - alguien que no puede erigirse a *sí mismo* en finalidad, que no puede erigir finalidades a partir de sí mismo. El “creyente” no se pertenece a *sí mismo*, sólo puede ser un medio, tiene que ser *consumido*, tiene necesidad de alguien que lo consuma. Su instinto otorga el honor

³⁴ GC #347, p. 241.

³⁵ Fl 4, 13.

supremo a una moral de la des-simismación: todo le persuade a ella, su inteligencia, su experiencia, su vanidad. Toda especie de fe es en sí una expresión de dessimismación, de extrañamiento de sí mismo...³⁶

La necesidad de fe, la necesidad de alguna incondicionalidad en el sí y en el no, (...) es una necesidad propia de la debilidad. Neste parágrafo encontramos outro elemento importante para a nossa discussão. A fé depende da falta de confiança em si mesmo. E toda dependência é sinal de fraqueza, *debilidade*... A fé expressa a necessidade do incondicionado. Só o débil, que não consegue se firmar na fulgurante torrente do devir, é que vai buscar sua força na negação do mesmo, a partir do estabelecimento de uma realidade fictícia, fruto de uma imaginação fertilizada por alucinações próprias de um estágio fisiológico corrompido — toda debilidade motiva a imaginação... O estado febril é como um solo fértil para as *alucinações* — algo precisa *funcionar* neste tipo de vontade... Já que não é a força dos instintos, revele-se aquilo que lhe é próprio... Buscando-se em algo outro que não ele mesmo, acaba se deixando de lado, distanciando-se de si mesmo. E nesse distanciamento, acredita realizar o processo de máxima aproximação ao seu próprio eu. A vontade débil é iludida por uma artimanha que ela mesma desenvolveu.

83

Si se tiene en cuenta cómo a los más les resulta muy necesario un regulativo que desde fuera los ate y los fije, cómo la coacción, en un sentido más alto la esclavitud, es la condición única y última bajo la que prospera el hombre débil de voluntad, y sobre todo la mujer: se entenderá también la convicción, la “fe”. El hombre de convicción tiene en ella su espina dorsal. No ver muchas cosas, no ser imparcial en ningún punto, ser íntegramente un partido, tener una óptica rigurosa y necesaria en todos los valores – ésa es la única condición para que tal especie de hombre llegue a subsistir.³⁷

O débil revela um modo de ser existencialmente degradante. E é esse estado que caracteriza o homem de fé. Ser “crente” é *indecoroso*, é sintoma de *décadence*. Em AC, #50, Nietzsche se propõem uma importante tarefa: “— En este lugar no voy a dispensarme de dar una psicología de la ‘fe’, de los ‘creyentes’, en provecho, como es obvio, precisamente de los ‘creyentes’. Si aún hoy no faltan quienes no saben hasta qué punto ser ‘creyente’ es *indecente* – o un indicio de *décadence*, de una

³⁶ AC #54, 103-104.

³⁷ AC #54, p. 104.

quebrantada voluntad de vida —, mañana lo sabrán. Mi voz llega incluso a los duros de oído.”³⁸

Com isto está delineado o caminho para a relação entre a *crença* e o conceito de *décadence*. Mas estabelecer esta relação é pertinente para um outro percurso argumentativo...

Referências

a) Obras de Nietzsche:

NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos*. Traducción de Germán Meléndez Acuña. Colombia : Editorial Norma, 1992.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. *El Anticristo: maldición sobre el cristianismo*. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

b) Sobre Nietzsche:

BARBUSSE, Enrique. *Los Judas de Jesus*. Madrid: Ed. Caro Raggio, 1927.

VALADIER, Paul. *Nietzsche et la critique du christianisme*. Paris: Les Editions du Cerf, 1974.

_____. *Nietzsche: una crítica del cristianismo*. In: Revista de Filosofía, Año XVIII, nº 52, 1985, pp. 33-52.

³⁸ AC #50, p. 95.